

Mulheres em tempos sombrios
Rosa Luxemburg e Hannah Arendt*

Tanja Storløkken**

“Os tempos sombrios [...] não só não são novos, como não constituem uma raridade na história [...].[...] mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e [...] tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e freqüentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra [...]”¹

Rosa Luxemburg (1871-1919) e Hannah Arendt (1906-1975) viveram nos “tempos sombrios” de Bertold Brecht, que deram título ao livro de ensaios de Arendt, *Homens em tempos sombrios* (1968). Ambas lançaram alguma luz sobre os seus tempos sombrios e ainda nos encorajam a desafiar o totalitarismo, a barbárie e as tendências autoritárias. Há alguns anos a pensadora anti-totalitária Hannah Arendt teve um excepcional e bem merecido renascimento. A pergunta que devemos fazer é se uma parte desse renascimento não deveria caber também a Rosa Luxemburg, com quem Arendt contraiu uma enorme e indiscutível dívida. A despeito da crítica de Arendt ao marxismo, há grande proximidade entre seu pensamento e o da marxista Rosa Luxemburg.

Arendt talvez seja mais conhecida pela análise do nazismo e do stalinismo no livro que a tornou conhecida, *As origens do totalitarismo* (1951) e pelo conceito de banalidade do mal, em *Eichmann em Jerusalém* (1963). Muito se escreveu sobre a relação bastante íntima, privada e filosófica, com seu professor Martin Heidegger². Menos enfatizado é o compromisso revolucionário de Arendt, sobretudo no livro *Sobre a revolução* (1963), onde argumenta a favor de uma revolução política capaz de

* O presente texto foi apresentado na Conferência da Sociedade Internacional Rosa Luxemburg, 21-22 de novembro de 2004 em Guangzhou, China. Tradução de Isabel Loureiro, revisão de Marcos Barbosa de Oliveira.

** Tanja Storløkken é cientista política. Publicou diversos artigos sobre a questão nacional, república-monarquia, Rosa Luxemburg, marxismo feminista e Hannah Arendt.

¹ Hannah Arendt, *Men in Dark Times*. Harcourt, Brace & World, New York 1968, ix. Tradução brasileira: *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.8-9.

² Dana R. Villa, *Arendt and Heidegger. The Fate of the Political*. Princeton: Princeton University Press, 1996. Taminiaux, Jacques: *The Thracian Maid and the Professional Thinker: Arendt and Heidegger*. Nova York: State University of New York Press, 1997. Ettinger, Elzbieta: *Hannah Arendt. Martin Heidegger*. New Haven: Yale University Press, 1995. Cf. também Arendt, Hannah/Heidegger, Martin: *Briefe 1925 bis 1975 und andere Zeugnisse*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1998.

bloquear tendências totalitárias. A grande proximidade de idéias entre ela e Rosa Luxemburg é também menos conhecida e discutida hoje em dia.

Alguns ainda acham provocativa a idéia de que Arendt tenha uma dívida intelectual com Rosa Luxemburg. O historiador Walter Laqueur escreveu estas palavras ásperas ainda em 1998: “Mas Arendt também tem admiradores entre os conservadores, apesar de sua simpatia pela revolução e pelos revolucionários. Essa simpatia era sempre mais emocional e romântica do que racional e filosófica. O melhor exemplo talvez tenha sido seu caso de amor com Rosa Luxemburg, hoje lembrada sobretudo pelo que escreveu sobre as andorinhas do lado de fora das janelas da prisão, sobre o distanciamento de suas origens judaicas [...] e por suas proféticas palavras sobre o futuro da revolução russa. [...] E assim, em última análise, os conservadores têm provavelmente razão ao não levar muito a sério o entusiasmo revolucionário de Arendt – ela de fato não se impressionava com as teorias de Luxemburg e sim com sua coragem e seu estilo.”³ Laqueur comete um sério equívoco ao contestar o compromisso revolucionário de Arendt, minimizando ao mesmo tempo a contribuição de Luxemburg para o pensamento político. Ele não apóia sua argumentação em nenhum tipo de material sobre Arendt ou Luxemburg. Minha observação imediata e preliminar é que as alegações de Laqueur são mal fundamentadas ou infundadas. Hannah Arendt tinha um interesse genuíno pela revolução, também pode ser chamada de revolucionária, e foi influenciada pelo pensamento de Luxemburg.

Rosa voltou

Quando ainda muito jovem Hannah Arendt foi levada pela mãe a um comício social-democrata na sua cidade natal de Königsberg, durante a revolução alemã, em janeiro de 1919. Porém, só na década de 1930, sob o impacto do avanço do nazismo, é que Arendt se interessou seriamente por política. E segundo ela, o homem com quem aprendeu a pensar politicamente foi seu segundo marido, Heinrich Blücher⁴, ele mesmo um ardente admirador de Rosa Luxemburg que em Berlim, durante a revolução alemã, havia combatido ao seu lado. Arendt não escondia que gostava de ser comparada com Rosa Luxemburg. Numa carta do verão de 1956 ao amigo Kurt Blumenfeld, Arendt

³ Walter Laqueur, “The Arendt Cult: Hannah Arendt as a Political Commentator.” *Journal of Contemporary History*, Vol. 33, No. 4, 1998, p.485.

⁴ Arendt a Jaspers, 29 de janeiro de 1946. In: Arendt, Hannah/Jaspers, Karl. *Briefwechsel 1926-1969*. Munique: Piper, 1985, p.67.

escreveu com orgulho: “Em Berkeley, onde nunca mencionei o nome de Rosa Luxemburg (pois supunha que ninguém a conhecia) os estudantes contaram-me que numa festa com muita bebida teriam dito uns aos outros: Rosa voltou.”⁵

Mas Arendt era entusiasmada não só com a coragem e o estilo de Luxemburg. Ela conclui o ensaio sobre a revolucionária polonesa, “Uma heroína da revolução”, uma resenha da biografia de Luxemburg em dois volumes publicada por John Peter Nettl em 1966⁶, com estas palavras: “É de se querer acreditar que ainda há esperanças de um reconhecimento tardio de quem foi e do que fez Rosa Luxemburg, e de se esperar que finalmente encontre seu lugar na educação dos cientistas políticos nos países do Ocidente. Pois o sr. Nettl tem razão: ‘Suas idéias pertencem a todos os lugares em que se ensine seriamente a história das idéias políticas.’”⁷

Contudo, não resta dúvida de que Arendt não leu todas as publicações de Rosa Luxemburg, mas somente as principais, tais como “A crise socialista na França” [“Die sozialistische Krise in Frankreich” (1901)], *A acumulação do capital* [*Die Akkumulation des Kapitals* (1913)] e *A revolução russa* [*Zur russischen Revolution* (1918)], talvez também *Reforma social ou revolução?* [*Sozialreform oder Revolution?* (1899)], *Greve de massas, partido e sindicatos* [*Massenstreik, Partei und Gewerkschaften* (1906)] e *A crise da social-democracia* [*Die Krise der Sozialdemokratie* (1916)]⁸. No que se refere à literatura secundária menciona a biografia de Paul Frölich, *Rosa Luxemburg. Gedanke*

⁵ Arendt a Blumenfeld, 31 de julho de 1956. In: Arendt, Hannah/Blumenfeld, Kurt: “... *in keinem Besitz verwurzelt.*” Hamburgo: Rotbuch Verlag, 1995, p.151-52. Cf. Blumenfeld a Arendt, 6 de agosto de 1956, p.155 e Blumenfeld a Arendt, 1 de fevereiro de 1957, p.177. Cf. também Arendt a Blücher, começo de julho de 1958. In: Arendt, Hannah/Blücher, Heinrich: *Briefe 1936 – 1968*. Munique: Piper, 1996, p.485.

⁶ Nettl, John Peter. *Rosa Luxemburg*. Volume 1 and 2. Oxford: Oxford University Press, 1966.

⁷ Arendt, Hannah. “A Heroine of Revolution”. *The New York Review of Books*, 6 de outubro, Vol. 7, No. 5, 21 – 27. Esta resenha também foi publicada com o título “Rosa Luxemburg 1871 – 1919”. In: Arendt, Hannah. *Men in Dark Times*. Nova York: Harcourt, Brace & World, 1968, p.33-56. Quando me refiro ao ensaio de Arendt sobre Luxemburg utilizo a versão *Men in Dark Times*. A citação é das páginas 55-56. Tradução brasileira, p.55.

⁸ Arendt se refere às seguintes publicações de Luxemburg em seus livros. In: Arendt, Hannah. *The Origins of Totalitarianism* (1951: nota 16, p.94, nota 33, p.100, notas 43 e 45, p.148) ela se refere a Luxemburg, Rosa: “Die sozialistische Krise in Frankreich” (1901) e Luxemburg, Rosa: *Die Akkumulation des Kapitals* (1913). In: Arendt, Hannah. *On Revolution* (1963: p.264 e nota 82, p.327 – 28) refere-se a uma tradução inglesa de *Zur Russischen Revolution* (1918) e no ensaio “Rosa Luxemburg 1871 – 1919” (1966) em *Men in Dark Times* (1968: nota 16, p.54) também menciona três traduções inglesas de *Sozialreform oder Revolution?* (1899), *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften* (1906) e *Die Krise der Sozialdemokratie* (1916).

und Tat [Rosa Luxemburg. *Pensamento e ação*], além de *Rosa Luxemburg*, de John Peter Netti⁹.

Na pesquisa sobre Arendt e Luxemburg, a proximidade de Arendt com o pensamento de Rosa Luxemburg não é um tópico muito discutido. As obras existentes são em grande parte bem mais informadas sobre Arendt que sobre Luxemburg, o que freqüentemente resulta em interpretações muito arendtianas da revolucionária polonesa. Exemplos dessas interpretações nas últimas quatro décadas encontram-se no artigo de Ernst Vollrath em *Social Research* (1973), “Rosa Luxemburg’s Theory of Revolution”¹⁰; em *Hannah Arendt. For Love of the World* de Elisabeth Young-Bruehl (1982), a melhor e mais completa biografia de Arendt¹¹; no artigo de Ingeborg Nordmann em *Die Neue Gesellschaft* (1993), “Erfahrungsfähigkeit und Differenz. Rosa Luxemburg und Hannah Arendt über das politische Handeln”¹² [“Capacidade de experiência e diferença. Rosa Luxemburg e Hannah Arendt sobre a ação política”]; e por fim em *Hannah Arendt*, de Einar Øverenget (2001)¹³. Não é de surpreender que tenha sido a própria Hannah Arendt quem no ensaio “Uma heroína da revolução” deu o primeiro impulso às interpretações arendtianas do pensamento de Luxemburg.

Luxemburg nunca foi marxista?

⁹ Na versão alemã de Arendt, Hannah, *Über die Revolution* (1963: 340, nota 90, p.403) Arendt refere-se à segunda edição da biografia de Paul Frölich publicada em 1949 pela Editora Friedrich Oetinger, Hamburgo. A primeira edição foi publicada em 1939 pelas Editions Nouvelles Internationales, Paris.

¹⁰ Vollrath, Ernst. “Rosa Luxemburg’s Theory of Revolution.” *Social Research*, Vol. 40, Spring 1973, 83 – 109.

¹¹ Young-Bruehl, Elisabeth. *Hannah Arendt. For Love of the World*. New Haven: Yale University Press, 1982.

¹² Nordmann, Ingeborg. “Erfahrungsfähigkeit und Differenz. Rosa Luxemburg und Hannah Arendt über das politische Handeln.” *Die Neue Gesellschaft*, Vol. 40, caderno 5, 1993, p.459-64. Ver também a interpretação de Kulla, in Kulla, Ralf: *Revolutionärer Geist und republikanische Freiheit. Über die verdrängte Nähe von Hannah Arendt zu Rosa Luxemburg*. Hannover: Offizin Verlag, 1999, p.16. “Ingeborg Nordmann mostra que no pensamento de Rosa Luxemburg a experiência pública é tão importante quanto em Hannah Arendt. Mas ela lê Rosa Luxemburg com os olhos de Hannah Arendt quando avalia como peso morto marxista o apego ao objetivo da revolução social, sem perguntar se aqui as posições de Rosa Luxemburg não remetem a uma debilidade de Hannah Arendt.”

¹³ Øverenget, Einar. *Hannah Arendt*. Oslo: Universitetsforlaget, 2001. Uma discussão sobre a interpretação arendtiana de Luxemburg feita por Øverenget pode ser encontrada em Storløyken, Tanja, “Revolutionary and conservative”, in *Kvinneforskning* No. 3, 2004, p.123-24.

Este ensaio¹⁴ é particularmente sugestivo e interessante por ser o único texto específico de Arendt que pode dar-nos uma imagem clara de como entendia e interpretava a vida e o pensamento de Rosa Luxemburg. Não vou deter-me em cada detalhe; o que mais me interessa no ensaio é como ela interpreta a concepção luxemburguiana de revolução.

Causa grande surpresa a dúvida de Arendt de que Rosa Luxemburg fosse marxista: “Em suma, embora ‘a revolução fosse para ela tão próxima e real como para Lenin’, não a colocava como um artigo de fé, nem tampouco o marxismo. [...] Isso, evidentemente, significa admitir que ela não era uma marxista ortodoxa, e de fato tão pouco ortodoxa que até se pode perguntar se, afinal, era marxista. O sr. Nettl afirma corretamente que, para ela, Marx não era senão ‘o melhor intérprete da realidade entre todos eles’ e é revelador de sua falta de compromisso pessoal o fato de poder escrever: ‘Tenho agora horror ao tão elogiado primeiro volume do *Capital* de Marx, devido aos seus elaborados ornamentos rococós *à la* Hegel’. Segundo seu ponto de vista, o mais importante era a realidade, em todos os seus aspectos medonhos e maravilhosos, mais ainda do que a própria revolução.”¹⁵

Arendt não menciona sua aparente total discordância com o biógrafo John Peter Nettl, o qual enfatiza que “embora [Luxemburg] estivesse totalmente comprometida com o marxismo, a validade de suas idéias transcende a estrutura marxista”¹⁶. Arendt afirma que a realidade era mais importante para Luxemburg do que a revolução. É uma alegação peculiar na medida em que realidade e revolução encontravam-se intimamente ligadas no pensamento de Luxemburg. Sim, parece-me que Luxemburg “na realidade” via as duas quase como uma coisa só. Prova disso é uma de suas frases favoritas:

¹⁴ A resenha foi escrita em Palenville, no verão de 1966, depois de uma leitura ávida e de muitas anotações na biografia de Rosa Luxemburg escrita por Nettl. Esse exemplar com anotações de Hannah Arendt encontra-se na biblioteca do Bard College em Nova York. Infelizmente ainda não pude consultá-lo, um olhar mais atento sobre o que Arendt escreveu aqui seria de grande interesse no que se refere ao modo como interpretava o pensamento de Luxemburg. Alguns dos comentários de Arendt foram publicados em Young-Bruehl, Elisabeth. *Hannah Arendt. For Love of the World*, p.399.

¹⁵ Arendt, Hannah. “Rosa Luxemburg 1871-1919”. In: *Men in Dark Times*, p.38-9. Tradução brasileira, p.41-2. Cf. a intenção de Hannah Arendt de dedicar a Rosa Luxemburg a edição alemã do escrito “Die Ungarische Revolution und der totalitäre Imperialismus” (1958) e o que escreveu a Klaus Piper e Hans Rössner em 9 de setembro de 1958, quando teve que riscar a dedicatória: “A dedicatória não pode ser formulada porque seria preciso explicar que Luxemburg não era realmente socialista nem comunista, mas ‘somente’ a favor da justiça, da liberdade e da revolução como única possibilidade de uma nova forma de Estado e de sociedade.” (Arendt, Hannah. *In der Gegenwart. Übungen im politischen Denken II*. Munique: Piper, 2000, p.424).

¹⁶ Nettl, John Peter: *Rosa Luxemburg*, p.12.

“Como dizia Lassalle, a ação mais revolucionária é e será sempre dizer alto e bom som aquilo que é.”¹⁷ Ser capaz de captar a realidade do mundo era um pré-requisito essencial para um desenvolvimento revolucionário bem sucedido. Assim como Luxemburg chegou a ver na barbárie uma alternativa possível ao socialismo e à revolução¹⁸, o que resultava de seu pensamento realista, também não se pode dizer que para ela a realidade fosse mais importante que a revolução, ou que a revolução não fosse “para ela um artigo de fé, nem tampouco o marxismo”. Uma revolução “ausente”, uma revolução socialista que não ocorra de forma alguma, ou que falhe, destruirá, como sabemos, toda a realidade na forma da barbárie e do caos.

A dúvida de Arendt a respeito do marxismo de Luxemburg é em grande medida influenciada por sua própria interpretação do marxismo¹⁹. A crítica arendtiana de Marx foi desenvolvida em estreita relação com sua análise da *vita activa* enquanto contendo três atividades fundamentais: labor, trabalho e ação²⁰. Arendt queria reabilitar a *vita*

¹⁷ Luxemburg, Rosa: “In revolutionärer Stunde: Was weiter?” (1906). In Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke* 2. Berlim: Dietz Verlag, 1972, p.36.

¹⁸ Ver em particular Luxemburg, Rosa, *Die Krise der Sozialdemokratie* (1916) e “Was will der Spartakusbund?” (1918). In: Luxemburg, Rosa: *Gesammelte Werke* 4. Berlim: Dietz Verlag, 1974, p.62, 441. Cf. Geras, Norman. “Barbarism and the Collapse of Capitalism”. In: *The Legacy of Rosa Luxemburg*. Londres: NLB, 1976, p.13-42. Manninen, Virve: *Sozialismus oder Barbarei?* Suomen Historiallinen Seura, Helsinki 1996.

¹⁹ Na sua biografia *Hannah Arendt. For Love of the World*, p.401, Young Bruehl escreve sobre a interpretação arendtiana da relação de Luxemburg com o marxismo: “Ela pensava que Luxemburg tinha abandonado a ‘teoria das crises’ marxista, que sua ruptura com o marxismo era tanto econômica quanto política, e que ‘seu compromisso com a revolução era primordialmente moral’. [...] Arendt via o programa político de Luxemburg – o republicanismo – como corolário da sua rejeição da dialética econômica marxista, a relação antitética entre capitalistas e proletários. Nos termos de Hannah Arendt, o republicanismo era um ideal político que transcendia todas as visões marxistas do capitalismo e do socialismo.” Se Young-Bruehl tem razão, Arendt não só duvidava que Luxemburg fosse marxista, como também acreditava que ela tivesse rompido política e economicamente com o marxismo. Arendt alega, por exemplo, no ensaio “Rosa Luxemburg 1871-1919” (*Men in Dark Times*, p.39-40), que na *Acumulação do capital* (1913) Luxemburg rompe com o marxismo porque insiste que a existência do capitalismo depende dos setores e áreas não-capitalistas e, por sua vez, Arendt desenvolve este *insight* na sua própria análise do imperialismo em *The Origins of Totalitarianism*, p.148.

²⁰ Desde 1952 Arendt trabalhou num projeto intitulado “Elementos totalitários no marxismo” que deveria ser publicado como livro. Contudo esse livro sobre Marx nunca foi terminado, mas algumas de suas idéias sobre Marx aparecem em *The Human Condition* (Chicago: University of Chicago Press, 1958), *Between Past and Future* (Nova York: The Viking Press, 1961, edição expandida, 1968), e *On Revolution* (Nova York: The Viking Press, 1963, nova versão, 1965). Muitos dos manuscritos de Arendt a respeito de Karl Marx não foram publicados, por exemplo, o muito interessante “Karl Marx and the Tradition of Western Political Thought” (dois rascunhos de 1953). Margaret Canovan (*Hannah Arendt. A Reinterpretation of her Political Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, capítulo 3: “Totalitarian Elements in Marxism”, p.63-98) dá um panorama da crítica de Arendt a Marx baseada tanto no material

activa em relação com a *vita contemplativa* (pensamento) de maneira a que não houvesse nenhuma relação hierárquica entre ambas. Em *The Human Condition* (1958), ela distingue a necessidade do labor e o pensamento meios-fins do trabalho, da capacidade da ação para começar algo novo e de maneira espontânea, com consequências imprevisíveis devido à pluralidade dos homens.

Para continuarmos vivos, precisamos nos envolver com a atividade do labor. O labor dá-nos alimentos e outras necessidades de que precisamos para sobreviver e reproduzir a humanidade. Mas não produz nada permanente. O que o labor produz é consumido e não permanece. O trabalho, por outro lado, produz coisas que nos cercam formando um mundo permanente de coisas. O artesão, por exemplo, produz cadeiras e mesas, enquanto o artista produz obras de arte. A durabilidade das coisas produzidas é diferente, mas todas as coisas têm em comum o fato de serem produzidas dentro das categorias meios-fins. A ação e o discurso revelam a única distinção dos seres humanos. Na companhia de outros os homens distinguem-se a si mesmos e expressam sua individualidade no discurso e na ação. Mas essas atividades não são caracterizadas pela necessidade do labor nem pelas categorias meios-fins do trabalho. A liberdade dos homens está particularmente conectada com a ação. A ação, incluindo a ação política, é imprevisível e dependente da pluralidade dos homens. “A ação [...] corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo.”²¹ O fato de sermos capazes de agir significa que podemos começar algo novo e de forma espontânea, mas as consequências de nossas ações são incalculáveis e irreversíveis no momento da ação. Os resultados da ação dependem das ações e do discurso de muitos homens no passado, no presente e no futuro e são, por isso, imprevisíveis. Contudo, dois fatores oferecem algum conforto no imprevisível: a capacidade de perdoar e a manutenção das promessas. As condições da ação oferecem possibilidades de agir notáveis e imprevisíveis, mas, ao mesmo tempo, agir é sempre potencialmente perigoso e desastroso, em virtude de suas consequências imprevisíveis.

publicado quanto ao não-publicado. Fica evidente que é muito difícil, se não impossível, captar claramente a crítica de Arendt a Marx sem conhecer também o material não-publicado referente a Marx. Alguns dos manuscritos não-publicados de Arendt são agora acessíveis na Internet em *The Hannah Arendt Papers* na Biblioteca do Congresso. A coleção inteira desses manuscritos não-publicados está disponível na Biblioteca do Congresso em Washington, em The New School University em Nova York, e em The Hannah Arendt Center na Universidade de Oldenburg.

²¹ Arendt, Hannah. *The Human Condition*, p.7. Tradução brasileira: *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária/Salamandra; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981, p.15.

Para que se possa impedir que as tentativas totalitárias sufoquem a imprevisibilidade dos seres humanos, sua espontaneidade e capacidade de começar algo novo, é da maior importância estabelecer e manter arenas políticas onde os homens sejam capazes de agir politicamente em condições de ação. Somente se a ação política for condicionada visando a ação e sem ser corrompida pelas condições do labor e do trabalho, os homens podem ter alguma esperança de conter os perigos das tendências totalitárias.

Arendt atribuía a Karl Marx o mérito de ter tentado rebelar-se contra o pensamento político tradicional, mas infelizmente, no seu entender, ele não havia sido suficientemente radical! Apesar de ter rompido com a tradição, na medida em que, por exemplo, reconceitualizou o trabalho, Marx ainda era muito apegado às categorias tradicionais. Sua ruptura com a tradição não foi radical o bastante, e essa falta de determinação, entre outras coisas, criou condições favoráveis ao crescimento de elementos totalitários no marxismo²².

Arendt criticava Marx²³ por ver a singularidade do homem em seu caráter de *animal laborans* e não de um ser que age. Desse modo abriu caminho para “a abdicação da liberdade perante o ditame da necessidade”²⁴. Ela acusa Marx de tratar a história como um processo de labor, e dessa maneira ligá-la ao processo da vida, a um modo biológico de pensamento e necessidade. Além disso, ele não faz distinção entre trabalho e labor, vendo ambos como trabalho. Marx teria assim enveredado por um caminho perigoso ao confundir e reduzir a ação política ao labor e ao trabalho. Contudo, ele não foi o primeiro a interpretar a política como trabalho no sentido de fazer coisas. Essa incompreensão da política foi a regra, não a exceção na tradição da filosofia política ocidental. A política interpretada como ofício conduz à crença de que se pode “fazer história” como se fazem coisas usando os meios adequados para atingir um dado fim.

Arendt via um duplo perigo totalitário no pensamento de Marx. Por um lado, Marx opera com um processo histórico inevitável caracterizado pela necessidade e pelo determinismo, enquanto por outro lado argumenta a favor da noção de que a história

²² Ver especialmente Arendt, Hannah. “Tradition and the Modern Age”. In: *Between Past and Future*, p.17-40.

²³ A validade da crítica de Arendt a Marx não será discutida aqui. Sobre esse tema ver Parekh, Bikhu: “Hannah Arendt’s critique of Marx” in Hill, Melvyn A. (org.). *Hannah Arendt: The Recovery of the Public World*. New York: St. Martin’s Press, 1979, p.67-100; Schäfer, Gert. “H. Arendt und der Marxismus”. In: Schäfer, Gert. *Macht und öffentliche Freiheit*. Hannover: Materialis Verlag, 1993, p.31-74.

²⁴ Arendt, Hannah. *On Revolution*, p.61.

pode ser feita, confundindo ação política e trabalho. Isto pode levar novamente à *hubris* e à crença de que “tudo é possível”. É evidente que marxismo e totalitarismo não são sinônimos, mas, segundo Arendt, era precisamente essa combinação de determinismo, processo automático inevitável, e *hubris*, a idéia de que “tudo é possível”, a principal característica do totalitarismo. E ela via em Marx o rudimento de uma combinação similar na confusão de história e política com a necessidade do labor e com as categorias meios-fins do trabalho. O modo de pensar segundo meios-fins era útil para fazer coisas a partir da matéria morta, mas não para criar uma sociedade socialista onde seres humanos eram a matéria a partir da qual a nova sociedade seria engendrada. O modelo do trabalho poderia levar a uma atitude violenta em relação à matéria humana. A realidade e os seres humanos particulares poderiam facilmente transformar-se em meios e serem subordinados ao fim socialista – ou a qualquer outra construção teórica.

O conceito de ação política e a concepção de revolução de Rosa Luxemburg como um evento de longa duração baseado na experiência rompem com a interpretação arendtiana de Marx. Por isso não é tão estranho que Arendt duvide de que Luxemburg fosse marxista. A visão revolucionária de Luxemburg contém um conceito de ação política que compreende a ação não apenas numa perspectiva meios-fins, mas que dá igualmente espaço ao espontâneo e imprevisível, e em que as pessoas devem aprender com as experiências que emergem das ações políticas no processo revolucionário. No entanto, Luxemburg não se afastou completamente do processo histórico de Marx a ponto de as condições econômicas terem perdido inteiramente sentido no processo revolucionário. Para Rosa Luxemburg o objetivo ainda é o socialismo, e não, primordialmente, o republicanismo de Arendt. Luxemburg queria algo mais que Arendt, sendo este um fato que esta parece não ver ao interpretar a concepção luxemburguiana de revolução.

Luxemburg = Arendt?

A interpretação de Arendt da concepção luxemburguiana de revolução atinge seu ponto culminante quando afirma: “seu compromisso com a revolução era basicamente uma questão moral, e isso significava permanecer apaixonadamente engajada na vida pública, nos assuntos civis e nos destinos do mundo. [...] Foi na verdade a questão republicana, e não a questão nacional, o que a separou mais decisivamente de todos os outros. Aqui ela estava completamente isolada, tal como

esteve isolada, ainda que de modo menos evidente, em sua ênfase sobre a absoluta necessidade de liberdade não só individual, mas pública, em todas as circunstâncias.”²⁵ Nesta interpretação da concepção revolucionária de Luxemburg há várias indicações de que Arendt a afastou completamente do marxismo. No seu entender, o compromisso de Luxemburg com a revolução era primordialmente de tipo moral, no sentido do engajamento na vida pública e nos destinos do mundo. O republicanismo e a liberdade individual e pública como alvo distinguem Luxemburg dos outros. John Peter Nettle procura defender uma abordagem um pouco diferente: “A doutrina dominante em Rosa Luxemburg não era a democracia, a liberdade individual, nem a espontaneidade, e sim a participação – o atrito que levava à energia revolucionária que por sua vez levava à maturidade da consciência de classe e à revolução.”²⁶

Mas Arendt concorda com Nettle ao enfatizar que a percepção de Luxemburg “sobre a natureza da ação política” era sua mais importante contribuição para a teoria política²⁷. Arendt retrata a forma luxemburguiana da ação política, precedendo a organização e espontânea, de acordo com sua própria visão da ação política, mas o conceito de Luxemburg parece ser muito mais orientado para fins do que Arendt está disposta a admitir. Em sua exposição do que Luxemburg aprendeu na revolução russa de 1905-1906, Arendt focaliza unilateralmente as perspectivas vindas de baixo, sem prestar nenhuma atenção ao que ela escreveu sobre a relação entre o partido e o proletariado, ou sobre a estreita relação entre as lutas e esferas políticas e econômicas²⁸. Contudo, enfatiza corretamente que Luxemburg não acreditava numa revolução em que a maioria do povo não tomasse parte, e que ela “tinha muito mais medo de uma revolução deformada do que de uma fracassada”²⁹.

A meu ver Arendt interpretou Luxemburg de uma maneira peculiar: afastando-a do marxismo afastou-a também do fim socialista. Era precisamente que Luxemburg temia, advertindo contra o que considerava uma traição mortal ao movimento socialista. Se se remove o fim socialista da concepção revolucionária de Luxemburg, esta fica

²⁵ Arendt, Hannah. “Rosa Luxemburg 1871 – 1919”. I: *Men in Dark Times*, p.51-52. Tradução brasileira, p.52.

²⁶ Nettle, John Peter. *Rosa Luxemburg*, p.13. Infelizmente Nettle não consegue fundamentar esta interpretação, quer teórica quer empiricamente e cai em muitas contradições. Ver por exemplo a interpretação do panfleto de Luxemburg, *Zur russischen Revolution* (1918), p.701-05.

²⁷ Arendt, Hannah. “Rosa Luxemburg 1871 – 1919”. In: *Men in Dark Times*, p.52. Trad. bras., p.53.

²⁸ *Ibidem*, p.52; trad. bras., p.53.

²⁹ *Ibidem*, p.53; trad. bras., p.54.

reduzida exatamente ao que ela receava na polêmica com Eduard Bernstein: é uma interpretação pequeno-burguesa entre outras interpretações do mundo que não transcendem o capitalismo³⁰. Embora a biógrafa de Arendt, Elisabeth Young-Bruehl, afirme que o republicanismo dela consiste numa visão para além do capitalismo e do socialismo³¹, é difícil imaginar que a concepção luxemburguiana de revolução possa ser vista como uma primeira articulação dessa visão tão transcendente.

Young-Bruehl afirma que a “resenha de Arendt da biografia de Nettl foi um epílogo de *On Revolution*”³². Concordo que essa resenha seja um epílogo para *On Revolution* em mais de um sentido. Aqui podemos finalmente vislumbrar a provável influência de Rosa Luxemburg sobre Arendt enquanto esta redigia o livro sobre a revolução. Tal referência no entanto falta no próprio livro, particularmente por Young-Bruehl enfatizar que o projeto intitulado *On Revolution* ocorreu a Arendt em Berkeley, durante a leitura de *Zur russischen Revolution*³³, e que “a noção de Rosa Luxemburg de ‘revolução espontânea’ teve um papel no pensamento de Arendt durante alguns anos, antes que a revolução húngara lhe desse uma surpreendente concretização”³⁴.

Mas essa resenha é igualmente um epílogo a *On Revolution* no sentido de que Arendt parece interpretar a concepção revolucionária de Luxemburg à luz de sua própria concepção de revolução. Não há dúvida de que aquela soa quase idêntica à visão arendtiana do republicanismo e da revolução. Dito de maneira mais precisa, pode-se conjecturar que isso seja consequência de uma interação iniciada com a interpretação arendtiana de *Zur russischen Revolution*, e com a influência deste escrito no desenvolvimento da própria concepção de Arendt em *On Revolution*³⁵. Tudo indica que esta última predominou no encontro seguinte com a revolucionária polonesa. A interpretação arendtiana da visão revolucionária de Luxemburg, em “Uma heroína da revolução”, parece mais um eco da própria visão que Arendt tem da revolução, tal como

³⁰ Luxemburg, Rosa. *Sozialreform oder Revolution?* (1899). In: Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke* 1/1. Berlim: Dietz Verlag, 1970, p.440-45.

³¹ Young-Bruehl, Elisabeth. *Hannah Arendt. For Love of the World*, p.401.

³² *Ibidem*, p.402.

³³ *Ibidem*, p. 294.

³⁴ *Ibidem*, p.293. Penso que a caracterização feita por Young-Bruehl da revolução em Luxemburg como espontânea é distorcida e completamente equivocada. Cf. também a própria caracterização de Arendt. Ela escreve sobre “a revolução espontânea em Rosa Luxemburg” no “Epilogue: Reflections on the Hungarian Revolution”. In: Arendt, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*. Londres: George Allen & Unwin LTD, 1958, p.482. Embora para Luxemburg a espontaneidade desempenhe um papel na revolução, ela não é definitivamente o fator decisivo.

³⁵ Cf. também Arendt, Hannah. “Epilogue: Reflections on the Hungarian Revolution”.

descrita em *On Revolution*, que da concepção de Luxemburg desenvolvida em suas publicações a partir de 1890 até a morte em 1919.

Política e filosofia

Hannah Arendt foi muito longe na tentativa de afastar Rosa Luxemburg do marxismo. Ernst Vollrath vai ainda mais longe. Ele não tem qualquer dúvida a respeito da direção a que nos conduz a revolução de Luxemburg: diretamente à democracia representativa e à liberdade arendtiana³⁶. A visão marxista de Luxemburg e a necessidade de uma revolução longa e baseada na experiência a fim de evitar a barbárie desaparecem tanto do horizonte de Arendt quanto do de Vollrath, e assim desaparece também o conteúdo principal da concepção revolucionária de Luxemburg. O fato de esta não estar tão próxima da concepção arendtiana de revolução, tal como Arendt e Vollrath parecem acreditar, não indica evidentemente que não exista nenhuma conexão entre certos elementos do pensamento de ambas.

Revolutionärer Geist und republikanische Freiheit. Über die verdrängte Nähe von Hannah Arendt zu Rosa Luxemburg [Espírito revolucionário e liberdade republicana. Sobre a proximidade recalcada entre Hannah Arendt e Rosa Luxemburg], de Ralf Kulla (1999), é, pelo que sei, a primeira publicação que discute Hannah Arendt e Rosa Luxemburg sem estar mais bem informada sobre a primeira que sobre a segunda³⁷. Kulla escreve corretamente que o pensamento de Luxemburg pode ser visto como uma resposta preliminar à crítica de Arendt a Marx³⁸. Mas ele pára por aí e não

³⁶ Vollrath, Ernst. "Rosa Luxemburg's Theory of Revolution." *Social Research*, Vol. 40, Spring 1973, p.83-109.

³⁷ Kulla, Ralf. *Revolutionärer Geist und republikanische Freiheit. Über die verdrängte Nähe von Hannah Arendt zu Rosa Luxemburg*. Hannover: Offizin Verlag, 1999. Este fato não impede Kulla de concluir que Rosa Luxemburg teria se tornado anti-democrática na revolução alemã de 1918-1919. Ele se apóia fortemente em Manfred Scharrer (*Die Spaltung der deutschen Arbeiterbewegung*. Stuttgart: Ed.co. edition Cordeliers, 1985), sem fundar suas alegações em sua própria investigação. Aqui não é o lugar para aprofundar esta discussão, porém penso que alegações a respeito de concepções anti-democráticas de Luxemburg são infundadas se lermos seus artigos e discursos da época da revolução alemã. Ver Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke* 4, p.397-536. Cf. também Ottokar Luban ("Demokratische Sozialistin oder 'blutige Rosa'?" Rosa Luxemburg und die KPD-Führung im Berliner Januaraufstand 1919." *Internationale Wissenschaftliche Korrespondenz*, 35, 1999, Heft 2, p.176-207) que contesta diretamente os argumentos de Manfred Scharrer. Ver também Scharrer, Manfred. "Rosa Luxemburg – Die Revolution ist grossartig, alles andere ist Quark." *Jahrbuch für Historische Kommunismusforschung*, 2000/2001, Aufbau-Verlag, Berlim, 2001, p.391-408; Luban, Ottokar. "Rosa Luxemburg – demokratische Sozialistin oder Bolschewistin?" *Jahrbuch für Historische Kommunismusforschung*, 2000/2001, Aufbau-Verlag, Berlim, 2001, p.409-20.

³⁸ Kulla, Ralf. *Revolutionärer Geist und republikanische Freiheit*, p.21.

continua o raciocínio nessa direção. O pensamento de Rosa Luxemburg pode ser visto como uma resposta à crítica de Arendt a Marx, mas o que é mais importante, pode ser visto como um marco luminoso na história do pensamento político ocidental e na teoria política em geral, acusada por Arendt de ter uma predileção pelas categorias meios-fins do trabalho, que tornam a política mais manejável. Tal maneira de compreender teórica e praticamente a política solapou e destruiu as condições da ação política genuína, reduzindo a política a meios para um fim e esquecendo que a política precisa ser sempre um fim em si mesma. Arendt admitia que a compreensão luxemburguiana da natureza da ação política era sua mais importante contribuição à teoria política, mas não menciona uma potencial dívida com Rosa Luxemburg no desenvolvimento do seu próprio conceito de ação política, que o pesquisador da obra de Arendt e de Heidegger, Dana Villa, considera por sua vez a possível contribuição original de Arendt ao pensamento político. “De fato, penso que o grau de originalidade de Hannah Arendt como pensadora política só pode ser percebido por meio de um estudo sistemático de sua teoria da ação política, e do modo como esta rompe com a tradição do pensamento político ocidental.”³⁹

Arendt não só critica Marx, como também toda a filosofia política ocidental depois da morte de Sócrates, por ter criado uma oposição desnecessária entre filosofia e política, pensamento e ação⁴⁰. Desde o pensamento político de Platão, que se desenvolveu como uma reação à morte brutal de Sócrates, a filosofia e o pensamento tiveram predominância sobre a política e a ação, e desta predominância nunca conseguiram realmente se libertar. A ação também foi dividida em duas componentes distintas, “saber” e “fazer”. A base para o desenvolvimento de tendências totalitárias fundava-se não somente em Marx, mas também na maior parte do pensamento político ocidental, na medida em que este se desenvolveu a uma considerável distância da prática política genuína, entendida como visando as condições da ação. Assim sendo, Arendt desejava muito fortemente pôr a filosofia e a política, o pensamento e a ação numa relação estreita, enfatizando por exemplo sua relação não-hierárquica. Parece-me que esta maneira de pensar enquanto tal poderia ser vista como pré-requisito para evitar

³⁹ Villa, Dana R. *Arendt and Heidegger. The Fate of the Political*, xi. Como era de se esperar Villa discute o conceito de ação política de Arendt sem relacioná-lo com o de Luxemburg.

⁴⁰ Ver Arendt, Hannah. “Philosophy and Politics.” *Social Research*, Vol. 57, Spring, 1990, p.73-103. Cf. também Canovan, Margaret. *Hannah Arendt. A Reinterpretation of her Political Thought*, capítulo 7: “Philosophy and Politics”, p.253-74.

tendências totalitárias, pois tal modo de compreender o mundo e de escrever sobre ele já é em si anti-totalitário.

Ser ou não ser

Como indica corretamente Margaret Canovan, estudiosa de Arendt, a justaposição feita por esta entre nazismo, stalinismo e barbárie é um reflexo do pensamento de Luxemburg sobre a barbárie: “Para Arendt, tanto o nazismo quanto o stalinismo representavam a *barbárie* num sentido bem mais que retórico. Contudo, por trás de sua análise, ecoam as palavras de Rosa Luxemburg (ela mesma lembrando um dito de Engels), escritas durante a Primeira Guerra Mundial: ‘Esta guerra representa um retorno à barbárie. O triunfo do imperialismo leva à destruição da cultura’.”⁴¹ Mas a semelhança entre Hannah Arendt e Rosa Luxemburg não pára por aqui. Também quando se trata de “prescrever o tratamento” para conter as tendências totalitárias, Arendt soa como um eco de Luxemburg. Para ambas, a revolução é necessária a fim de deter tendências bárbaras e totalitárias, mas elas não estavam de acordo no que se referia ao conteúdo e extensão dessa revolução anti-bárbara e anti-totalitária. Enquanto Hannah Arendt apenas desejava uma revolução política e pensava que uma revolução social poderia implicar tendências totalitárias e terror introduzindo a necessidade, o pensamento meios-fins e a compaixão na arena política, Rosa Luxemburg pensava numa revolução muito mais ampla – política, social, econômica e existencial – para evitar a barbárie. Segundo Luxemburg e Arendt, a questão da revolução não era apenas relativa a como queremos organizar as coisas no futuro do ponto de vista político, econômico, social e existencial, mas em grande medida era uma questão acerca da possibilidade da sobrevivência cultural da humanidade enquanto tal. Revolução e ação política eram uma questão de ser ou não ser.

A ação política tal como entendida por Luxemburg e Arendt representa para ambas a melhor possibilidade de deter tendências bárbaras e totalitárias. O que Arendt criticava em particular no pensamento político tradicional era a falta de um conceito de ação política segundo o qual fazer política não significasse fazer história. Rosa Luxemburg oferece precisamente esse conceito que ela pede, considerando-o a “mais importante contribuição [de Luxemburg] para a teoria política”⁴² O conceito de ação

⁴¹ Ibidem, p.22. Cf. Luxemburg, Rosa. *Die Krise der Sozialdemokratie* (1916). In: Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke* 4, p.62.

⁴² Arendt, Hannah. “Rosa Luxemburg 1871 – 1919”. In: *Men in Dark Times*, p.52.

política de Luxemburg transcende uma relação hierárquica rígida entre teoria e prática, transcendendo assim igualmente a filosofia política ocidental tal como Arendt a descreve. A ênfase do totalitarismo na idéia de que “tudo é possível” contrapõe-se à revolução luxemburguiana como evento de longa duração baseado na experiência, uma vez que aqui a prática e a experiência devem corrigir a teoria no interior do processo revolucionário. As experiências fazem a mediação entre a teoria e a prática, de tal modo que a teoria revolucionária e a prática revolucionária estão sempre em interação mútua. Na revolução de Luxemburg *nem tudo* é possível, as experiências colocam limites ao que pode, e ao que não pode ser feito. Rosa Luxemburg introduz um conceito anti-totalitário de ação política e revolução que dá espaço à espontaneidade, mas em que a importância da experiência e a abertura para novas experiências constituem a essência da questão. Agir politicamente implica imprevisibilidade. As experiências adquiridas por meio da ação política só podem ser sintetizadas posteriormente, e deve-se tentar aprender com elas.

Arendt introduz um conceito de ação política que tem muitas semelhanças com o de Luxemburg. Não há dúvida de que no conceito de Arendt ressoa o de Luxemburg⁴³. Nessa perspectiva, o marxismo teve um papel na criação do que Hannah Arendt considerava o mais importante elemento anti-totalitário na luta contra as tendências totalitárias. Contudo, o conceito de ação política de Arendt é diferente do de Luxemburg; por exemplo, é menos orientado para fins. Arendt criticava Marx por ter uma compreensão instrumental da política. Ela mesma tinha tanto medo de cair na vala instrumental, de pensar a política em termos das categorias meios-fins que podemos suspeitar de que tenha caído na vala oposta, em que os fins políticos têm um sentido subordinado, política e ação política tornando-se um fim em si mesmas. Enquanto para Luxemburg a ação política consistia tanto nos meios para alcançar o fim socialista quanto num meio em si mesma, uma vez que os seres humanos se desenvolvem agindo politicamente, Arendt parece em grande medida reduzir a ação política a um fim em si mesma. A ação política é unilateralmente caracterizada pela espontaneidade, o começar de novo e as conseqüências imprevisíveis devido à pluralidade dos homens. Entretanto, Arendt tem consciência do fato de que as ações políticas na maior parte das vezes têm fins, mas que seus resultados freqüentemente tornam-se um pouco diferentes do

⁴³ Contudo, Arendt também se inspirou em outras fontes ao desenvolver seu conceito de ação política. Canovan, Margaret. *Hannah Arendt. A Reinterpretation of her Political Thought*, p.136-149, faz um interessante relato desse tópico, mas não menciona o conceito de ação política de Rosa Luxemburg nessa discussão.

pretendido. Ela corretamente adverte contra a compreensão da ação política somente como um meio para se alcançar um fim, devendo a ação política ser também um fim em si mesma. Em ambos os tipos de ação política – de Arendt e de Luxemburg –, é possível colocar-se um fim sem necessariamente cair na vala instrumental.

Revolução e liberdade

O temor de Arendt era que a revolução tivesse que se transformar de revolução política em revolução social, pois tal desenvolvimento solaparia as possibilidades da ação política e da liberdade e, portanto, também seu potencial anti-totalitário. Ação política e liberdade política são dois lados da mesma moeda. “Pois a liberdade política, em geral, significa o direito de ser um participante do governo, ou não significa nada.”⁴⁴ Uma revolução política bem sucedida deve estabelecer e manter arenas em que a ação política e a liberdade política se tornem dois lados da mesma moeda, uma vez que “a *raison d'être* da política é a liberdade, e seu campo de experiência é a ação. [...] Os homens são livres – diferentemente de possuírem o dom da liberdade – enquanto agem, nem antes nem depois; ser livre e agir são o mesmo.”⁴⁵ Assim como a liberdade só se atualiza pelo agir, o poder só existe quando as pessoas agem em conjunto, mas então o grupo de pessoas agindo em conjunto é potencialmente muito poderoso. “O poder corresponde à atividade humana não somente para agir, mas para agir conjuntamente. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; ele pertence a um grupo e continua existindo apenas enquanto o grupo permanecer junto.”⁴⁶ Em contraste com o poder, a violência depende das categorias meios-fins e nunca pode substituir o poder, apenas destruí-lo. O poder potencial dos seres humanos agindo conjuntamente é assim formidável, mesmo que se defrontem com um aparato de violência esmagador.

Os revolucionários não devem contentar-se com estabelecer arenas políticas onde a política possa ser praticada nas condições da ação, mas devem igualmente ser capazes de mantê-las durante um período de tempo. Arendt espera uma revitalização e um papel mais permanente do sistema conselhistas, o qual representou um papel temporário em muitas revoluções. Porém não pensava que todos deviam ter uma participação política. Aqueles que querem participar escolheram tal coisa, enquanto os que não querem participar escolheram deixar as coisas como estão. A revolução política

⁴⁴ Arendt, Hannah. *On Revolution*, p.218.

⁴⁵ Arendt, Hannah. *Between Past and Future*, p.146 e 153.

⁴⁶ Arendt, Hannah. *On Violence*. Nova York: Harcourt Brace & Company, 1970, p.44.

de Arendt deveria fornecer um dividendo claramente democrático e anti-totalitário na medida em que ofereceria a um maior número de pessoas a possibilidade de atuar politicamente no sentido arendtiano, impedindo assim tendências totalitárias. Porém, ela não era muito otimista em relação ao estabelecimento e manutenção de instituições políticas mais abertas à participação política, “mas talvez, afinal – no curso da próxima revolução”⁴⁷ isso fosse possível.

A liberdade política também é extremamente importante para Rosa Luxemburg, sobretudo por ser um pré-requisito que permite às pessoas terem a oportunidade de fazer experiências e quem sabe aprenderem com elas durante o percurso em direção a uma sociedade socialista e democrática. A liberdade é simplesmente um pré-requisito importante e necessário para o desenvolvimento bem-sucedido de uma revolução. As famosas palavras de *A revolução russa*, “liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de modo diferente”⁴⁸, são proferidas em associação com a importância de fazer experiências no processo revolucionário. Sem essas experiências não se pode criar uma sociedade democrática e socialista. Por meio da ação política e da liberdade política no processo revolucionário, os revolucionários, ou seja, tanto a liderança, o partido, quanto o proletariado, aprendem o que devem saber para criar uma sociedade socialista. A revolução precisa ter uma longa duração porque é na própria luta que os seres humanos aprendem por meio de tentativa e erro o que precisam saber para serem capazes de governar-se a si mesmos. É pelo atrito com a sociedade existente, nacional e internacionalmente, econômica e politicamente, individualmente e junto com outros que é possível criar uma sociedade melhor. A barbárie não pode ser evitada se a maioria das pessoas não quiser lutar por uma alternativa melhor. O poder provém do fato de seres humanos agirem em conjunto, como Arendt também enfatiza, sendo essa forma de poder decisiva na concepção revolucionária de Luxemburg, e decisiva para que a revolução seja bem sucedida ou não. Mas no momento crucial da conquista do poder na sociedade, Luxemburg também afirma que o uso da violência pode ser necessário, caso os governantes se neguem a abrir mão de suas posições privilegiadas e utilizem a violência para se proteger na luta contra um poder superior baseado na maioria do povo.

O marxismo oferece uma visão de fins elevados e gerais, mas a maneira como esses fins devem ser alcançados tem que ser descoberta pelos seres humanos por meio

⁴⁷ Arendt, Hannah. “Thoughts on Politics and Revolution” (1970). In: *Crises of the Republic*. Nova York: Harcourt Brace & Company, 1972, p.233.

⁴⁸ Luxemburg, Rosa. *Zur russischen Revolution* (1918). In: Luxemburg, Rosa. *Gesammelte Werke* 4, p.259, nota 3.

da ação política no processo revolucionário, sendo que esse processo de experiências não deve cessar na sociedade socialista. A democracia socialista não deixa de funcionar na terra prometida, segundo Luxemburg, e essa democracia não pode existir sem a possibilidade de fazer novas experiências. Nem pode o socialismo, na prometida sociedade sem classes, emancipar-se a si mesmo das condições de vida e da necessidade de adquirir constantemente novas experiências no Gólgota da vida.

Se Arendt tivesse aceitado por completo que Luxemburg de fato foi e continuou sendo marxista a vida inteira talvez tivesse reavaliado de algum modo sua própria relação com o marxismo. Hannah Arendt é competente ao investigar os elementos totalitários e anti-totalitários na tradição revolucionária como um todo, mas quando se trata da tradição marxista ela parece optar por excluir Luxemburg do marxismo, em vez de admitir que o conceito de ação política e a perspectiva revolucionária de Luxemburg constituem importantes elementos anti-totalitários dentro da própria tradição marxista, elementos que parecem por sua vez tê-la influenciado fortemente em seu próprio conceito de ação política e em sua abordagem da revolução. A crítica de Arendt a Karl Marx a conduz por um caminho que a afasta do marxismo, mas ao mesmo tempo a grande proximidade de idéias com a marxista Rosa Luxemburg a reaproxima por sua vez da tradição marxista.